

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO: HISTÓRIA

“PRETOS NOS BRANCOS: HISTÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE OS
NEGROS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA”

MAYRA LIRA DA COSTA

AGOSTO DE 2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

CURSO: HISTÓRIA

MAYRA LIRA DA COSTA

“PRETOS NOS BRANCOS: HISTÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE OS
NEGROS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA”

PROFESSOR ORIENTADOR: Dr. ANTONIO CLARINDO BARBOSA DE SOUZA

AGOSTO DE 2008

MAYRA LIRA DA COSTA

“PRETOS NOS BRANCOS: HISTÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOBRE OS
NEGROS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA”

MONOGRAFIA APROVADA EM ___ de _____ de 2008.

PROFESSOR ORIENTADOR: ANTONIO CLARINDO BARBOSA DE
SOUZA

ANTONIO CLARINDO BARBOSA DE SOUZA

JOSÉ PEREIRA DE SOUSA JÚNIOR

FAUSTINO TEATINO NETO

BANCA EXAMINADORA



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me fortalecido durante toda a minha jornada. À minha mãe Erizeneide, minha avó Lourdes e meu avô José Pedro que me sustentaram econômica e emocionalmente durante todo o meu curso.

Ao meu noivo Emanuel que não me deixou desanimar em nenhum momento, especialmente na reta final deste trabalho.

Ao meu digníssimo orientador Antonio Clarindo B. de Souza que, pacientemente me agüentou e orientou desde o momento em que aceitou o meu pedido, sem falar nas disciplinas em que foi meu professor.

Aos professores que ajudaram-me a conhecer e ver o mundo de uma forma diferente e melhor, em especial Herry, Fábio (in memorian), Faustino, Silêde, Júnior e Luciene (professora da UAE-Didática).

Aos meus amigos que, ao decorrer do curso estiveram sempre a meu lado, mesmo com minhas chatices, me agüentaram e me fizeram mais feliz, em especial Anne Micheline, Maria Thereza, Lauricéia, Romerino, Isabelle, Rose, Luciana, Rodrigo, Marbyo, Cláudio, Cataline, Kalina, Omar e todos aqueles que contribuíram de uma forma ou de outra para minha jornada, mesmo sem saber que o fizeram.

Obrigada.

RESUMO

Tentando perceber as mudanças ocorridas com a aprovação da Lei 10639, em 09 de janeiro de 2003, nos livros didáticos de História lançados no mercado antes e depois do sancionamento desta, analisei alguns livros didáticos, percebendo as histórias e representações sobre os negros, apontando sugestões para melhor se trabalhar a História da África e dos afro-descendentes e como estes contribuíram para a formação cultural nacional em sala de aula.

Palavras-chave: Histórias; representações; África; negros; livro didático.

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Capítulo 1- Os livros didáticos e os negros antes da Lei 10639/03.....	03
Capítulo 2- Os livros didáticos e os negros depois da Lei 10639/03.....	16
Considerações Finais.....	26
Referências Bibliográficas.....	30

INTRODUÇÃO

Da curiosidade nasceu o desejo de percebermos melhor como se dão as histórias e representações¹ sobre os negros nos livros didáticos de História, especialmente os direcionados para alunos que estão cursando o Ensino Médio e que se preparam para a entrada na universidade. Percebermos melhor, e com isso entendermos, como a História da África e dos africanos está presente nos livros didáticos utilizados pelos professores ou na maior parte deles, ausente, e como é “criada” as várias histórias, identidades e representações sobre os negros que tanto perpassa o nosso imaginário, mesmo sendo resultados, nós brasileiros, de uma miscigenação resultada a partir de povos, entre outros, africanos e negros.

A percepção de um imaginário carregado de negatividade sobre os negros e suas diversas realidades e culturas dentro de seus espaços originais, o Continente Africano, foi criada pelos europeus, que se consideravam puros e superiores, e ainda permanecem em nós mesmo depois de tanto tempo de histórias e conhecimento do mundo como é hoje, geograficamente falando, e mais ainda, do contato entre os diversos povos que o compõe. Negatividade e inferioridade sobre os negros que se faz presente em nossos livros didáticos e no aprendizado de nossos alunos, independente de estudarem em escolas públicas ou privadas, mesmo depois do sancionamento da Lei 10639 de 09 de janeiro de 2003, pelo atual presidente Luis Inácio Lula da Silva, na qual torna obrigatório o ensino da História da África e dos afro-descendentes nos meios escolares e acadêmicos.

Com isso, vimos a importância de analisar alguns livros didáticos colocados no mercado entre os anos de 2000 e 2008, passando pela fase pré-Lei, a de transição e após a Lei, como se encontram estes livros quando tratam da História da África e dos africanos, da luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da

¹ Neste trabalho sempre que falarmos em representação, a traremos no sentido de uma apresentação que chegue mais próxima do real e que devemos levar em consideração as intenções e o lugar de fala de quem informa e de quem está sendo informado.

CAPÍTULO 1

Os livros didáticos e os negros antes da Lei 10639/03

A África, ou melhor, o Continente Africano é considerado por muitos antropólogos, arqueólogos e historiadores como berço da humanidade, originária dos primeiros homínidos a habitarem a Terra. Uma história que pouco se conhecia, ou conhece, fora isto. Histórias que são obscuras e informações que não chegam até nós por completo, por terem tradições que passavam seus costumes oralmente, na qual muitas coisas e significados se perdiam com o tempo, outras que foram esquecidas a partir de um olhar europocêntrico e superior, que não via naqueles povos importância histórica alguma. Resquícios e visões que deixaram nos próprios africanos um sentimento de desigualdade e inferioridade que ainda permeia a sociedade tantos anos depois dos primeiros contatos do homem branco e europeu com o homem negro e africano.

Homens brancos que fizeram questão para ver qualquer outra que não fosse sua cultura esquecida, com um discurso que priorizava apenas a história das grandes civilizações e feitos da Europa, mesmo quando se referiam às civilizações como Egito e Mesopotâmia, fizeram de conta que não se tratava de estarem situadas no Continente Negro como também é chamado o Continente Africano. Construíram um discurso de superioridade no qual os europeus eram povos escolhidos para levar a civilização e a educação a povos que desconheciam isto, que para eles viviam na barbárie e na selvageria, alguns até mesmo desprovidos de alma. Os africanos eram assim, selvagens e bárbaros que precisavam encontrar e aceitar os costumes europeus para serem salvos, mas, mesmo quando os costumes brancos começaram a influenciar os povos africanos, estes ainda eram considerados inferiores pela tonalidade da pele.

Eram e continuavam a ser considerados seres inferiores, pois, mesmo depois de contatos com a cultura européia, não se deixaram influenciar por completo. Assim como fizeram com os costumes da então Colônia Portuguesa na América – mais tarde Brasil – apropriando-se de alguns e resignificando outros a partir do que já tinham e

viviam em sua cultura quando aqui chegaram, fizeram o mesmo com a cultura européia, adaptaram-na a seus costumes e suas tradições que sobreviviam ao longo do tempo, talvez como forma de resistência para não permitir que suas culturas morressem, que fossem sufocadas pelo individualismo europeu e “pureza excessiva” dos brancos, que viam na cor negra sujeira, atraso e inferioridade. E ainda desconsideravam a História da África anterior ao contato entre os povos destas regiões, era como se os africanos só passassem a ter história quando esta era contada a partir do contato com europeus pelos próprios europeus. Podemos perceber que para algumas pessoas tais idéias persistem em permear a nossa sociedade e que, a história europocêntrica ainda permanece, em alguns casos submetem outras histórias ao mesmo grau de inferioridade e exclusão a que submeteram os africanos.

Os pré-conceitos vindos desde os contatos entre europeus e africanos que afirmaram cada vez mais as desigualdades existentes passaram a vigorar também quando da vinda de alguns africanos para a Colônia Portuguesa na América, que mais tarde viria a se chamar Brasil, especialmente pela condição de escravo, a qual foram submetidos quando aqui chegaram e classificados como mercadorias e coisas, trazendo o estigma de inferioridade que trouxeram de seu local de origem. E tanto tempo depois do contato entre europeus e africanos e da chegada destes em solo brasileiro, o imaginário continua a perpassar inferioridades e desigualdades para com os negros. Negros relacionados única e exclusivamente à cor da pele, pois, sabemos que somos um povo no qual o que predomina são os genes de inúmeros povos que resultaram da miscigenação, da mistura de negros, índios e brancos de forma simplista, sem falar em outras tantas misturas que já estavam presentes nestes povos antes de chegarem em terras brasileiras.

Preconceitos sociais e culturais que trazemos desde cedo, cor e condição social que os colocaram como inferiores, por parte de uma elite branca, sentimentos enraizados ao longo de nossa história e que são reproduzidos em nossas idéias a partir de notícias que circulam na mídia sobre o Continente Africano, nas quais aparecem marcas de misérias, guerras étnicas e conflitos intertribais, instabilidade política, AIDS e epidemias, fome e falência econômica, safáris, escravos e animais exóticos que fazem

com que pessoas que não buscam outros meios de informação internalizam como verdade, mesmo sabendo que estas representações são construídas em nosso imaginário não de forma passiva, pois, podemos adotar determinadas posturas de forma consciente, dependendo de como nos chegam e de nossas intenções perante às notícias e informações. Algumas pessoas, ou melhor, a maioria das pessoas acreditam, ao verem estas representações sobre a África e os africanos, que são construções do real ou mesmo o próprio real a ser apresentado ao mundo.

A mídia é um dos meios que mais facilmente veicula tipos de imagens degradantes, porém, não é o único. Outro meio que também mostra imagens, de todos os tipos além das negativas e inferiores, são os livros didáticos, amplamente difundidos e utilizados por alunos de escolas públicas e privadas em nosso país, que passa diversos tipos de imagens e identidades que para muitos é considerado como representação do real, visões do que realmente aconteceu. Sem levar em conta como estas representações são produzidas, quem as constroem, de onde elas surgem e com qual intenção estas escolhas ocorrem. Algumas pessoas simplesmente aceitam sem questionar ou criticar as mensagens que lhes são passadas. Isto acontece com qualquer meio que possa veicular alguma mensagem, inclusive os livros didáticos que dependem de inúmeras coisas até a chegada aos leitores, como exemplo a linha de estudos e pesquisas do(s) autor(es), do quê o mercado e as editoras querem e editam para os professores e alunos, muitas vezes sem considerar os desejos do(s) autor(es) e de como gostaria que ficasse seu texto em comunhão com os mapas e as imagens, dando um resultado que nem sempre é o que se deseja para a conclusão do trabalho.

Alguns professores e a maioria dos alunos vêem os livros didáticos como verdade inquestionável, que não pode ser discutida e que nada existe, que nenhuma história se faz além do que está escrito nestes. A forma como se lê também influencia nisto quando apenas apropria-se dela sem que suas visões de mundo possam ser

questionadas e modificadas (DONATO, 2002)², quando se lê e não modifica-se nada disto findam por acreditar que o livro é unicamente construção, tal qual aconteceu, do real. A começar dos professores que não fazem uma leitura crítica dos livros didáticos quando os tem em mãos para escolha no uso em sala de aula (lembrando que nem todos os professores, especialmente de escolas privadas, tem este direito de escolha), uma visão sem criticidade chega até os alunos que, igualmente aos professores, não questionam nenhum conhecimento que lhes chega, levando para suas vidas e formando um ciclo vicioso, o qual necessita de alguém que faça a diferença. Devemos atentar ao fato de que nem todos os professores se esforçam para incentivar seus alunos ao questionamento e a crítica, acomodam-se em utilizar apenas o livro didático como fonte de conhecimento.

Para começo de história é necessário que se faça uma análise, uma busca de como se encontravam os livros didáticos, nesse caso de História, em relação à história sobre os negros antes da Lei 10.639/03 que torna obrigatório o ensino da História da África e dos afrodescendentes nos meios escolares e acadêmicos. Para isto utilizei-me de cinco livros didáticos dos anos 1999, 2000, 2001 e 2002, direcionados a alunos do ensino médio, a jovens que estão tentando entender o mundo e formando opiniões sobre os outros e sobre si mesmo. Daí a importância destas análises para os professores melhor escolherem seus livros e materiais de trabalho ao promoverem discussões e questionamentos sobre assuntos que afetem o cotidiano dos alunos.

O primeiro livro de minha escolha foi “História/ Uma abordagem integrada” de Nicolina Luiza de Petta e Eduardo Aparício Baez Ojeda, publicado no ano de 1999, o livro é dividido em unidades e capítulos, os quais mostram-nos uma idéia diferente de alguns livros. Logo na apresentação dos autores a importância que devemos dar às informações, reflexões e questionamentos que ocorreram no passado, de forma que devemos pensar a respeito de como o passado reflete em nosso presente, e ao trazer um texto sobre Introdução ao Estudo da História para fazer com que os leitores levem em

² DONATO, Eronides Câmara. “As narrativas dos livros didáticos de História e a construção de identidades: o papel (in) formativo da leitura”. In: Revista Educação em Debate. Edições da Universidade Federal do Ceará/Fortaleza: Ano 24, v.2, nº44, 2002.

consideração, por exemplo, o contexto histórico, o recorte e as fontes históricas dos autores. Percebamos que isto é algo que a maioria dos livros didáticos, especialmente percebendo o ano de publicação, não trazem em suas páginas.

No capítulo 1, da unidade I, já encontramos a África como a hipótese mais aceita para origem dos seres humanos e igualmente ao capítulo 3, o Continente como localização geográfica. No capítulo 8, da unidade II, o Continente africano aparece como parte do mercantilismo e da expansão marítima, sendo uma região que viria a ser explorada pelas potências européias. Aparece também como localização geográfica e fazendo um pouco a diferença traz ao final deste capítulo um texto complementar sobre os diversos reinos que a formavam (este é outro detalhe que devemos perceber nesse livro didático, diferenciando-o de outros tantos publicados atualmente) e sobre a imagem que os colonizadores criaram para aquela região, instigando o aluno a refletir um pouco sobre o discurso de superioridade européia que predominou por tanto tempo sem direito a questionamentos.

No capítulo 12 os africanos aparecem como solução para o sistema colonial português na América, sendo importados como escravos que, conseqüentemente, serviriam de mão-de-obra e dariam sustentabilidade ao sistema. No capítulo 13 os africanos já aparecem como escravos que trabalhariam de forma compulsória, fazendo parte da empresa açucareira e mais tarde responsáveis pela riqueza colonial. Riqueza esta propiciada também pelo tráfico negreiro, comércio que rendeu vultosos lucros à base de capturas de pessoas que vinham para a Colônia Portuguesa na América em viagens com condições subumanas. Traz também as relações de violência que existiam entre senhores e escravos, as condições de vida e a violência para com as mulheres e as resistências individuais e coletivas nos quilombos. Nos capítulos 15 e 18 mencionam o tráfico de escravos e trabalho compulsório e a África aparece como degredo para aqueles que cometessem algum crime.

Nos capítulos 21 e 22, unidade III, fala-se em continuidade do modelo escravista na estrutura econômica do recém “criado” Império Brasileiro e onde existe um temor muito grande dos senhores de engenho de que os negros promovessem revoltas, já

que o número de negros chegava a atingir quase metade da população. Sociedade marcada pelo preconceito relacionado à cor, pois, mesmo que um negro fosse livre passaria por isto. A África também aparece como degredo. No final os autores trazem um texto complementar sobre as raízes do preconceito racial no Brasil. No capítulo 24 podemos perceber a continuidade do modelo escravista, os negros trabalhando nas lavouras de café e, durante o Segundo Reinado, as pressões pelas quais passou D. Pedro II para que abolisse a escravidão no Brasil.

Já no capítulo 26 a Europa surge como que almejando a colonização da África em busca única e exclusivamente de lucros e riquezas. Ao final um texto complementar sobre a diversidade cultural existente na África e de como a história da Europa que se sobrepôs à própria história dos africanos deixou marcas profundas até hoje. No capítulo 28 os autores fazem um pequeno lembrete sobre o marinheiro negro João Cândido, um dos líderes da Revolta da Chibata (Rio de Janeiro). No capítulo 32 fazem menção à independência da África durante a Guerra Fria e, por último, no capítulo 35 mencionam Zumbi como um dos heróis nacionais. Esse livro é bastante interessante no tocante às imagens, fotos ou gravuras que não são muitas, porém, muito bem colocadas no decorrer de todo o livro didático, além dos textos no final dos capítulos que trazem temáticas diversas, diferenciando-se de muitos livros didáticos publicados no ano de 1999.

O segundo livro de minha escolha foi “História Geral” de Cláudio Vicentino utilizado por mim quando aluna de ensino médio em escola pública. Naquele momento não percebi coisas que agora percebo melhor como o fato de um livro didático de História Geral não possuir capítulos sobre a História da África como se o Continente Africano não fizesse parte da História Mundial. O autor faz pequenas menções a respeito da África no livro em poucos momentos, livro que é dividido em uma introdução e unidades.

Na introdução do livro, o autor volta à pré-história e aos primórdios da humanidade trazendo a África como região onde, há quatro milhões de anos, surgiram os primeiros hominídeos e esta região vista como berço da humanidade. Berço da humanidade que foi negado por algum tempo, e podemos dizer até por muitos séculos,

história negada por europeus que queriam ver sua história como única e oficial, de grande importância para o resto do mundo dito incivilizado. Na unidade IV quando se fala da expansão marítima e da revolução comercial, a região é citada apenas geograficamente, como local que foi “visto” porque era necessário passar por ele, enquanto que na unidade V sobre o imperialismo no século XIX já se fala em partilha entre os países europeus que, com interesses comerciais tentam demonstrar que era uma missão civilizadora, filantrópica e cultural. É com este tipo de ações que os europeus criam imagens e identidades de superioridade e civilidade para com os negros. O último “destaque” para a África é na unidade VI ao trazer esta região durante a descolonização afro-asiática no século XX, levando em consideração aspectos econômicos e políticos, trazendo-a como Continente da fome.

Imagens fixadas mais ainda por gravuras, mostrando fome e miséria no Sudão e direcionando a todo o Continente, contribuindo ainda com os mapas contidos no livro, fazendo com que ele se torne chato, já que, independente da idade, um livro didático chama mais a atenção do leitor começando pelas imagens ou figuras que os textos; sem mencionar que o livro e as gravuras são em tom cinza, sem um colorido em nenhum momento, ajudando a desestimular a leitura e o interesse pelo livro didático. O livro de Vicentino também não traz bibliografias extras ou indicações de filmes e atividades que venham promover discussões e questionamentos, muito menos sobre a História dos Africanos, a luta dos negros no Brasil (o nosso país também como se não fizesse parte da História Geral e do mundo), suas culturas ou a importância na construção da sociedade nacional. Nós, professores, temos o dever de atentar para livros didáticos que tragam a história dos homens da forma como traz o livro didático de Vicentino, para que não os escolhendo, coloquemos a opção para nossos alunos de questionarem e discutirem todas as possibilidades, imagens e identidades que possam encontrar nos livros que utilizarão, daí a importância da escolha do livro didático.

O terceiro livro que analisei foi “Rumos da História: história geral e do Brasil” dos autores Antonio Paulo Rezende e Maria Thereza Didier, publicado no ano de 2001, traz aspectos diferentes da maioria dos livros que estamos habituados a trabalhar

quando indica ao final dos capítulos uma bibliografia extra com títulos que estamos acostumados a conhecer quando chegamos à Academia e indicações variadas de filmes, abordando histórias de vários países. Diferentemente do segundo livro analisado, este traz diferenças na apresentação ao definir a história como registro de modificações e permanências que se faz, se constrói com o conhecimento do passado em permanente diálogo com o presente, no qual o historiador é sempre um sujeito atuante de seu tempo e das escolhas que faz, e vão além ao dizerem que o livro didático é revelador de concepções de mundo e deve ser organizado de maneira com que o leitor reflita e conheça melhor a sua sociedade e o seu cotidiano (REZENDE & DIDIER, 2001)³. Mesmo que os autores possam não fazer isto ao decorrer do livro, já podemos perceber que têm visões sobre a História bem diversas do que as propostas por Cláudio Vicentino e outros tão famosos autores de livros didáticos que preenchem o mercado.

O livro acima citado é dividido em unidades e dentro destas, capítulos com títulos e subtítulo. A primeira menção que os autores fazem da África é na unidade III, no capítulo 11, ao trazê-la como interesse dos portugueses no comércio de especiarias, de ouro, escravos e produtos precedentes do Oriente e os lucros expressivos do tráfico de escravos que tiveram algumas nações européias, sem mencionar nada sobre a possibilidade da África como berço da humanidade, diferenciando-se do que podemos perceber sobre as informações apresentadas na maioria dos livros didáticos ao trazerem a África como tal. Neste capítulo traz ainda uma gravura de um mapa do século XV, onde a Europa é representada bem maior que a África e Ásia, demonstrando o ar de superioridade, o qual desejava que predominasse. Mentalidade colonialista de desvalorização da raça negra e menosprezo de suas culturas que também aparecem na unidade IV, capítulo 13, adicionada ao incentivo que os portugueses deram às lutas internas nas tribos africanas, sem o reconhecimento da pluralidade cultural existente no Continente, quando da colonização do Brasil, já que precisavam importar mão-de-obra

³ REZENDE, Antonio Paulo & DIDIER, Maria Thereza. Rumos da História: História Geral e do Brasil. São Paulo: Atual, 2001.

africana para desenvolver e sustentar a lavoura de cana-de-açúcar, base da economia colonial após resistências para com a escravidão indígena. Trazem a escravidão africana e negra como melhor escolha para os portugueses que já a exerciam em solo africano, mas que não ocorreu sem resistência, trazendo ao final do capítulo um texto de reflexão para os leitores, questionando a história dos vencidos e vencedores (segundo a historiografia tradicional) e de como os antigos livros didáticos traziam, ou melhor, escondiam as resistências dos negros para com o sistema dominante, suas lutas, organização social e os valores das culturas africanas.

Os capítulos 14, 15, 17, 18 e 21 (este último pertencente à unidade VI) trazem os negros relacionados à mão-de-obra escrava e ao tráfico de escravos, importantes como mercadorias no comércio de venda e compra na região africana, eram preocupações quando remetiam-se às fugas, especialmente para os quilombos, espalhados por todo o território da colônia e quando rebelavam-se contra seus senhores, já que assim ameaçavam a superioridade e o domínio dos mesmos. Os negros aparecem como não defendidos pelos jesuítas e, mesmo em maior número, comparado ao restante da população que habitava a colônia portuguesa, eram tidos como insignificantes, mesmo com todo o ouro extraído nas Minas Gerais no século XVIII, a população negra permaneceu apenas com utopias e miserabilidades. Nesse momento nós, professores, podemos conduzir nossos alunos à pensarem se esta forma de tratar e ver os negros na sociedade colonial deixou resquícios que perduram até os dias atuais, levando-os à perceber que sentimentos não surgem de maneira repentina.

Os capítulos 32 e 34 da unidade X trazem a África e os africanos no momento em que o imperialismo do século XX toma conta daquela região e os países europeus querem partilhá-la, sem levar em consideração às culturas existentes e os povos diversos por considerá-los como primitivos, subdesenvolvidos e carentes de civilização. Podemos perceber como o pensamento sobre os negros e a África se fixa ao longo dos séculos, com o mesmo discurso da superioridade européia. Enquanto isto, a escravidão institucionalizada no Brasil é rompida, porém, muitas relações da época do escravismo se mantiveram. Já o último capítulo a mencionar a África é o 39, da unidade XII, que traz o

processo de descolonização da região e os africanos como questionadores da superioridade branca após a Segunda Guerra Mundial e os conflitos internos para chegarem à independência com sua diversidade cultural singular e depois de séculos passam a questionar a historiografia tradicional e o modo de pensar todo o mundo. E na História do Brasil os negros parecem só fazer parte até o processo de abolição da escravatura e a implantação da República em nosso país, o que considere falho no livro, já que não traz questões atuais como as permanências do racismo e de preconceitos e a questão das cotas nas universidades. É como se os negros tivessem deixado de habitar o Brasil. Predomina a partir desse momento uma história política e econômica.

O quarto livro didático que analisei é o “Toda a História” de José Jobson de A. Arruda e Nelson Piletti, publicado no ano de 2002, dividido em unidades e capítulos, traz em sua unidade I a África como a região habitada pelos primeiros homínídeos, onde a humanidade teria sua origem e que os africanos tenham sido os primeiros a controlarem o fogo. Nos capítulos 41 e 45 da unidade VIII, a África aparece como região colonizada por portugueses e árabes no processo de expansão marítima, na qual os portugueses encontraram os africanos com economias complexas e variadas, de comércio intenso e diversificado. Imagem esta dificilmente encontrada por ser uma imagem positiva, porém, ao lado da escravidão africana como mão-de-obra que rendia altos lucros para quem estava envolvido com o tráfico negreiro.

Já nos capítulos 46 e 47, é dada a informação de que os africanos aceitavam o tabaco como moeda para venda dos próprios africanos no comércio do tráfico, como os escravos africanos contribuíram para a riqueza de nações européias que os viam como infiéis, por terem influências mulçumanas, e na escravidão um meio de purgar os pecados dos povos africanos, já que não queriam reconhecer nenhuma prática religiosa diferente do Catolicismo. Os autores trazem a constatação de que, desde 1550, grande parte da população é constituída de negros ou descendentes, o que é reforçado neste ano de 2008 com a divulgação das últimas estatísticas do IBGE, nas quais o número de negros e descendentes ultrapassará o de considerados brancos em nosso país até o final deste ano. Falam da dureza do trabalho e da precariedade de alimentos (situações que até hoje

assolam a maioria da população negra brasileira), condições que viviam os escravos na colônia portuguesa ao mesmo tempo que os trazem resistentes às suas condições, como suicídios, assassinatos e as fugas para os quilombos, onde reavivavam suas crenças, tradições e costumes africanos. Os negros, com sua diversidade étnica, aparecem com responsáveis por uma mistura física e cultural, influências religiosas e pela música brasileira, especialmente o samba. Podemos perceber que os brasileiros demonstram até hoje um preconceito que nunca foi assumido.

Nos capítulos que seguem ao 51 na unidade IX, os negros apresentam uma identidade e uma história: como escravos vítimas do tráfico negreiro. A África vai surgir como um local de prisão para os que cometerem algum crime ou roubarem a Coroa Portuguesa na época da extração do ouro nas Gerais. A escravidão aparece como estrutura de toda a economia colonial do açúcar e a estrutura inicial do café, e que receberá muita resistência para que não ocorra o seu fim, principalmente por parte dos grandes senhores de terras. Já na unidade X, o capítulo 72 traz a partilha da África pelos países europeus que, com a desculpa de que aqueles povos necessitavam de conversão e tinham o dever de levar e difundir a civilização entre os ditos primitivos e atrasados, onde na realidade só existiam interesses econômicos e geopolíticos sob ideologias racistas de superioridade branca. E no capítulo 75 os autores mostram as influências africanas em cultos afro-brasileiros, como a macumba e a umbanda, em danças e músicas populares, como exemplo o samba e o maxixe, no frevo e na capoeira. Enquanto no capítulo 102 da unidade XII, demonstram como nos primeiros anos do século XX os negros e mulatos passaram a ser temas de pinturas e esculturas, e alguns historiadores e cientistas sociais passaram a privilegiar a influência dos povos africanos na formação da cultura brasileira. Pena que temas assim não tenham a atenção necessária como sugere a Lei 10.639/03, especialmente quando se trata de livros didáticos direcionados ao Ensino Médio, pesquisas nesta área são mais comuns na Academia.

O quinto e último livro analisado é de Myriam Becho Mota e Patrícia Ramos Braick intitulado “História: das cavernas ao Terceiro Milênio”, que, em sua segunda edição de 2002, traz uma apresentação na qual as autoras propõem uma discussão do

passado sob a luz do presente e que os leitores devem buscar diferentes interpretações sobre os fatos históricos. É dividido em unidades e capítulos, onde logo na unidade I, nos capítulos 2 e 4 trazem a África como região onde surgiu os primeiros hominídeos e onde se desenvolveram, junto à Ásia, as primeiras grandes civilizações da Antiguidade. Daí para a unidade IV, do capítulo 22 ao 27, os africanos passam a fazer parte da história do Brasil como trecho estratégico, a África, para comércio de especiarias e área de ocupação colonial fornecedora de mão-de-obra escrava, base da economia açucareira. Os negros aparecem como maioria da população no século XVIII, castigados pelos seus senhores, resistentes ao modelo escravista com fugas, rebeliões contra os senhores, como o uso da violência, pouco empenho no trabalho, abortos, suicídios e os quilombos. E na religiosidade popular a umbanda, resultado do candomblé africano com o espiritismo kardecista, e o sincretismo afro-católico dos escravos. Sincretismo religioso que muitas vezes não é mostrado aos alunos, os livros didáticos apenas comentam sua existência, porém, nunca aprofundam nem discutem o tema.

Na unidade VI, capítulos 34 e 43, as autoras trazem os africanos como excluídos, mesmo após a chegada da família real portuguesa no Brasil e as condições desumanas que viviam, da inferioridade social mesmo após a abolição da escravatura e da África como local de exílio para quem cometesse algum crime. Na unidade VII, capítulo 52, a África após o processo de descolonização e das influências européias é visto como um continente de guerras intertribais e civis, miséria, fome e epidemias, não muito diferente do que nos aparece na mídia, como já comentei, que também perpassa o capítulo 58 da unidade VIII, onde o país é perpassado por desigualdades sociais e conflitos étnicos, políticos, econômicos, religiosos e culturais nos quais predomina a discriminação e separação dentro desse território, levando quem não busca outros meios de informação à acreditar que a África é um Continente onde só existem misérias.

É interessante perceber nesse livro e no anterior, “Toda a História”, que trazem imagens, com fotos ou pinturas, do cotidiano dos negros aqui no Brasil, no próprio texto ou no final da unidade, mesmo a quantidade sendo pouca, é louvável a atitude dos autores trazerem esse tipo de imagens, as quais estamos mais acostumados a ver na

Academia. Outro aspecto a perceber nos livros didáticos é o título que trazem consigo, algo muito genérico, que perpassa sobre o que nem eles, e creio que nenhum historiador, consiga fazer, que é juntar e organizar a história do mundo em algumas poucas páginas, considerando a história a ser contada. Creio que o único livro que evita um pouco é o “Rumos da História”, que não vai diretamente à generalização, propondo uma pluralidade ao tema do livro didático.

Em comum acordo os livros didáticos lançados antes da Lei 10.639 de janeiro de 2003 existe o fato de estarem um pouco longe do que pede os artigos desta Lei ao propor o estudo da História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, o que acaba por contribuir, ou contribuía, para a formação cristalizada⁴ de nossos alunos, e de modo geral, de todos os leitores que têm acesso aos livros didáticos, das imagens e representações sobre os negros. Porém, devemos reconhecer que alguns, mesmo estando um pouco longe do que pede a Lei, já trazem textos, artigos e boxes que discutem temáticas interessantes como religiosidade, reinos africanos e diversidade cultural que nos ajudam a melhor discutir e conduzir os alunos à criticidade em sala de aula, temas atuais que possivelmente levarão para suas vidas em sociedade. Devemos ter a delicadeza de perceber que a África não se reduz à uma região geográfica nem que se trata de um único país, e sim de informar os diversos países perpassados por uma diversidade cultural singular. Se não tivermos o devido cuidado, nós, professores, acabamos por reproduzir as histórias e as representações que chegam a nós da mesma forma, se não questionarmos e discutirmos, quebrando imagens que nem sempre são as que chegam mais próximas do real.

⁴ Trazemos formação cristalizada como aquela que parte de informações adquiridas que não passam pelo processo de questionamento, discussão e crítica a partir do conhecimento de mundo dos próprios alunos.

CAPÍTULO 2

Os livros didáticos e os negros depois da Lei 10639/03

O sancionamento da Lei 10639, de janeiro de 2003, feito pelo atual presidente da República, Luís Inácio Lula da Silva, deu novos ares à esperança de mudança nos livros didáticos para professores e estudiosos que buscam melhor informar seus alunos, e leitores de forma geral, sobre a História da África e dos africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, de forma a resgatar como este contribuiu nas diversas áreas, seja ela econômica, política, social ou cultural. Esperança de mudança quanto às histórias que foram por muito tempo esquecidas, inconsciente ou conscientemente, como no caso da história que os europeus fizeram prevalecer, em detrimento das histórias de outras regiões que foram “descobertas” por eles.

Acreditamos que algumas pessoas criam em mudanças já com o sancionamento da Lei 10639/03, que autores e editoras passassem a cumprir a obrigatoriedade do que ela traz em seus artigos. Porém, o que percebemos com a análise de livros didáticos, especialmente os direcionados para o ensino médio, é que poucas coisas mudaram. Muitas histórias e representações sobre os negros continuam a ser contadas da mesma forma que antes. É óbvio que temos o dever de reconhecer as mudanças que foram feitas e as novas propostas que os autores apresentam e trazem realmente ao correr dos livros didáticos.

Para que pudéssemos fazer esta constatação, fiz a análise de cinco livros didáticos propostos para alunos de Ensino Médio dos anos 2004, 2005 e 2006. O primeiro livro que analisei foi “História: volume único para Ensino Médio”, da Coleção De olho no mundo do trabalho, do ano de 2004 e autoria de Heródoto Barbeiro, Bruna Renata Cantele e Carlos Alberto Schneeberger. Livro dividido em unidades e capítulos, traz na unidade I, capítulo 1, a África representada num mapa, com uma rota saindo de seu Continente em direção à Europa e de onde originou-se a expansão do povoamento no planeta. No

capítulo 2 quando fala em pré-história americana, temos a África com achados arqueológicos semelhantes aos que foram encontrados em Minas Gerais, como o caso do crânio de Luzia com traços semelhantes aos primeiros grupos que habitaram o chamado Continente Negro.

No capítulo 3, da unidade II, a África aparece apenas como região geográfica onde nasce o rio Nilo enquanto que, no capítulo 5, ela aparece como entreposto comercial na Antiguidade dos povos Fenícios. No capítulo 8 da unidade III, volta a aparecer como região geográfica em que são citadas apenas algumas cidades ou fala-se em norte da África. Já no capítulo 9 algumas localidades da África do Norte fundadas por romanos ainda existem atualmente, estes também tiveram africanos fazendo parte do seu governo na Antiguidade. Na unidade 4, nos capítulos 10 e 12 a África é citada apenas como localidade geográfica.

Na unidade V, o capítulo 14 nos traz a costa africana como uma região que deveria necessariamente ser explorada por países como Portugal e Espanha enquanto que, no capítulo 17, ao tratar da expansão do capitalismo comercial menciona o trabalho africano e o tráfico de escravos. No capítulo 19 se menciona apenas possessões africanas dos países citados no capítulo anterior. No capítulo 20 a África aparece junto ao Brasil como colônias fornecedoras de matérias-primas, produtos tropicais e metais preciosos, a primeira com o diferencial de ser também fornecedora de mão-de-obra escrava. No capítulo 21 é informado que os escravos faziam parte da sociedade como grupo social, tinha-se preferência pelo africano devido ao lucro exorbitante do tráfico negreiro e, por estarem longe de seus laços familiares e língua materna, sucumbiam mais facilmente ao cativo. Os africanos são mencionados como vindos de diversas regiões da África com diferentes padrões culturais, que eram trocados como qualquer outra mercadoria e que influenciaram a sociedade colonial nos vocábulos, culinária, religião e música. Interessante atentarmos para o reconhecimento, por parte dos autores, da África com suas diversas regiões e diferentes culturas presentes naquele Continente. Mostrar a diversidade aos alunos em sala de aula e levá-los à perceber alguns costumes presentes em nossa sociedade que sofreram influências dos africanos a partir do contato com livros didáticos

como este. Traz imagens muito interessantes, um pequeno boxe falando sobre a violência que envolvia escravos, senhores e sinhazinhas e ainda questionamentos para reflexão sobre permanências e rupturas culturais e sociais desde o período colonial, para que os alunos melhor percebam as mesmas, entendendo-as e ajudando o nosso trabalho de professor por estarem abertos à discussões e questionamentos sobre seus próprios cotidianos.

No capítulo 22 a África aparece como espaço geográfico, fala-se em tráfico e escravos, mão-de-obra escrava africana e os escravos africanos como promotores de rebeliões e formadores de quilombos. Já no capítulo 23 mencionam os lucros com o tráfico de africanos, enquanto no 26 mencionam os escravos aparecem como objetos de troca e a África como prisão para os que cometessem algum tipo de delito. Não diferente do que vem acontecendo nos capítulos anteriores, a unidade VI nos capítulos 30 e 31, mencionam o tráfico de escravos e a mão-de-obra dos mesmos. No capítulo 32, o período regencial vem nos mostrar negros rebelados e a África como prisão para os que fossem pegos pelo governo. Já no capítulo 37 o novo colonialismo mostra a África como uma “terra de ninguém”, que deveria ser repartida, entre os países ricos, em colônias, levando apenas mais miserabilidade e guerras para região. Nos capítulos 38 e 39 aparece a mão-de-obra escrava, no 39 acrescenta-se ainda a troca de escravos por mão-de-obra assalariada, os imigrantes, e leis que culminaram com o fim do tráfico negreiro durante o Segundo Reinado. No capítulo 40 o fim do Império Brasileiro traz a abolição da escravatura e no 42 durante a República Velha faz menção ao marinheiro João Cândido como “almirante negro”. No capítulo 48 fala-se no movimento de emancipação colonial dos países africanos como Congo, Argélia, Moçambique e Angola.

Os autores trazem ao final dos capítulos um tópico intitulado “O mundo em debate” onde mencionam a descolonização da África e a independência política dos países africanos e as lutas contra o apartheid, ou seja, a marginalização dos negros por uma minoria branca, e a luta por direitos civis com questões atuais. No corpo do texto o livro didático não traz informações além daquelas presentes na historiografia tradicional, todavia, os autores trazem no final de cada capítulo indicações de livros, filmes, sites,

curiosidades e incentivo à reflexão para que os alunos busquem uma bibliografia extra, que não fiquem presos única e exclusivamente ao livro didático, que encontrem outras fontes e caminhos para refletir e questionar sobre a sociedade em que vivem, os locais que freqüentam e o que lhes é apresentado, seja qual for o meio de informação.

O segundo livro analisado foi “História: Série Brasil” de autoria de Gislane Azevedo e Reinaldo Seriacopi, do ano de 2005, livro que é dividido em unidades e capítulos. Logo na unidade I, capítulo 1, a África nos é apresentada como local onde arqueólogos encontraram o crânio de um hominídeo de aproximadamente 7 milhões de anos e, no capítulo 2, que o *homo erectus* saiu da África a 1 milhão e 700 mil anos atrás para fazer acontecer o povoamento da Europa e da Ásia. Na unidade II, capítulo 5, a África nos é mostrada como região geográfica enquanto que, no capítulo 8 é mostrada como uma região circunavegada pelos povos Fenícios que mantinham contato com os africanos e, conseqüentemente, um comércio de 2 mil anos antes que com os portugueses. Na unidade III, capítulo 8, a África é citada, como em poucos livros didáticos, servindo de intercâmbio cultural com o reino macedônico de Alexandre, o grande. No capítulo 14, região de comércio com os romanos, e, igualmente ao 15 e 16, como região geográfica. Na unidade IV, capítulo 19, os autores nos trazem um diferencial, a existência de duas Áfricas - setentrional e subsaariana – e de vários reinos africanos com seus diversos aspectos religiosos e suas respectivas línguas, trazendo ainda ao final do capítulo um boxe comentando um pouco mais sobre as várias religiões praticadas nos diversos reinos africanos. Importante percebermos isto, já que alguns livros didáticos não mencionam essa diversidade cultural e religiosa existente no Continente Africano. No capítulo 20 a região africana é citada apenas geograficamente.

No capítulo 28 da unidade V, a cidade africana de Ceuta é citada como entreposto comercial e militar nas expedições de Portugal por toda a costa africana, no qual africanos aprisionados eram vendidos depois como escravos. No capítulo 29 a região é citada geograficamente e algumas localidades já tidas como colônias de países europeus, onde escravos eram trocados por produtos diversos dando início do tráfico de escravos. Porém, devemos atentar ao fato de que nem todos os africanos capturados eram

escravos na região de origem, tornavam-se escravos apenas quando chegavam na Colônia Portuguesa Americana. Detalhe que devemos perceber, pois os alunos tem sempre a impressão de que todos os africanos negros são escravos, independente de onde estivessem, e sabemos que a maioria deles eram pessoas livres em suas tribos e reinos de origem. No capítulo 33, os autores nos trazem um boxe sobre a invasão espanhola na África e, no capítulo 35 a África como possessão dos portugueses.

Na unidade VII, os autores trazem uma reflexão sobre o trabalho e começam o capítulo 36 com a diversidade que existia entre a cor branca (representando o dia e a inocência) e a cor preta (representando a noite, tristeza e a maldição divina) na relação Europa e África, na qual os africanos eram tidos como culturalmente inferiores e propensos à escravidão, que geraria um comércio lucrativo. Ainda falam sobre a divisão da África em etnias com estruturas diversas, vários reinos e escravidão já existente, porém, de forma diferente da europeia. Diversidade entre cores que ainda estão presentes em nossa sociedade e por meio desta presença, podemos questionar nossos alunos e conduzi-los à pensar como estas informações existentes no livro didático se inserem em nosso cotidiano, já que o livro, mesmo trazendo as diversas etnias e reinos africanos, não discute a relação preconceituosa de cor que permeia nossa sociedade. No capítulo 37 os escravos chegam na Colônia Portuguesa vindos de lugares diferentes como Guiné, Angola e Congo, a forma e o tratamento que recebiam, as resistências e as desigualdades sociais existentes ainda hoje em nossa sociedade. Finalizam o capítulo com uma reflexão sobre a democracia racial, cotas e as influências africanas em danças, instrumentos musicais, aspectos religiosos, culinária, aspectos lingüísticos, literatura, poesia e na música popular. Importante esta reflexão para os alunos que tiverem contato com esse livro didático por reconhecerem o momento social em que vivemos, e suas atribulações, e as influências africanas que tivemos no decorrer do contato com esses povos. Já nos capítulos 38, 40, 48, 49 e 50 é mencionado o termo escravos e a região africana aparece geograficamente, acrescentando-se a este último capítulo a África como área de prisão e banimento para aqueles que cometessem algum tipo de delito.

Já o capítulo 53 traz os escravos como maioria da população durante o

Primeiro Reinado brasileiro e o 55 como participantes de revoltas regenciais e resistentes em cidades como a Bahia e o Maranhão. Na unidade IX, no capítulo 58, o imperialismo europeu mostra a África como uma região explorada para fornecimento de matéria-prima e consumidora das potências européias, uma política que, para os autores, levou desordem e destruição cultural e que teriam sido as causas de diversas guerras e da miséria que assola o país atualmente. Devemos pensar e fazer com que nossos alunos reflitam o porquê de tantas guerras e misérias estarem presentes nos países que formam o Continente Negro. O capítulo 59 da unidade X traz o Segundo Reinado com o fim da escravidão e, no capítulo 60, além de trazer a região citada geograficamente ao final do texto temos um boxe que faz com que o leitor reflita ao mencionar a importância que tiveram índios, europeus e negros na construção da nossa identidade nacional e cultural, diferentemente do que encontramos em alguns livros didáticos que não reconhecem a importância da miscigenação racial e cultural em nossa formação. O capítulo 61 mostra-nos como o fim da escravidão se deu de forma lenta e gradual com a ajuda de campanhas abolicionistas e como se criariam condições para que os negros pudessem se inserir na sociedade. Algo que devemos perceber é que atualmente isto não ocorre plenamente em nossa sociedade, ainda existem muitas “brigas” dos descendentes de africanos em busca de uma liberdade e uma igualdade reconhecidas em nossa sociedade. No capítulo 62 o fim da Monarquia brasileira ocorre após a troca da mão-de-obra escrava pela assalariada de imigrantes vindos de várias partes da Europa.

A unidade XI traz no capítulo 68 uma pequena menção ao “Almirante Negro”, o marinheiro João Cândido, na Revolta da Chibata. Já a unidade XII traz, no capítulo 74, a chegada do socialismo na África por meio dos jovens que estudavam no exterior em meados do século XX, podemos perceber a busca por liberdade e igualdade de seus direitos, e no capítulo 75 a luta dos países africanos em busca da independência e da diminuição das desigualdades por meio de vias pacíficas e guerras civis. A unidade XIII traz, nos capítulos 79 e 82, a pobreza que assola os africanos e as desigualdades sociais existentes. Este livro didático traz coisas interessantes para um melhor aprendizado dos alunos como as indicações de filmes e documentários ao lado do próprio

texto. Os boxes e imagens ou quadros que existem são bem localizados no decorrer dos textos e quando não estão perto do texto, o local é mencionado para que o leitor saiba se localizar e melhor entender de que se tratam os mesmos, promovem também uma interdisciplinaridade e os textos são completados com trechos de documentos ao final de cada unidade para uma melhor reflexão por parte dos alunos, não esperando apenas pelo incentivo dos professores.

O terceiro livro que analisei foi “História: trabalho, cultura e poder nas sociedades européias, asiáticas e africanas - ontem e hoje” com autoria de Ediméri Stadler Vasco e Sérgio Aguilar Silva, é o primeiro de três volumes indicados para o ensino médio, do ano de 2005, tem sua divisão feita em unidades e capítulos menores dos que os encontrado em volumes únicos pelo fato diferenciado de trabalhar-se com temáticas, fazendo um recorte para melhor entendimento dos alunos. Já no começo do capítulo 1, unidade I, vemos propostas para se trabalhar os temas, que virão à frente, em grupos e promovendo debates e questionamentos. Neste capítulo os primeiros espécimes próximos aos seres humanos surgiram na África e que, ainda hoje possuem povos nômades como os que vivem na floresta africana e os tuaregues no deserto do Saara, trazendo uma imagem desses povos.

No capítulo 2 a África aparece como região geográfica, os africanos como povos dominados pelos romanos, como local de fixação de companhias marítimas de comércio, como território onde os europeus colonizaram em busca de novos mercados consumidores, reservas de matérias-primas e produtos agrícolas, dominando aqueles povos com o discurso de estarem levando progresso para os ditos não-civilizados. Traz ainda ricas e interessantes imagens sobre o trabalho. Já na unidade II, o capítulo 6 menciona a riqueza alcançada pelas elites européias às custas do sofrimento e da exploração africana no processo imperialista e o processo de independência da África após o término da Segunda Guerra Mundial e este espaço como de guerras. Devemos ter o cuidado para não trabalhar com generalizações, a África não é somente um espaço de guerras, mas, um espaço onde existe uma diversidade cultural singular. O livro traz indicações de filmes e documentários, um glossário final e trechos de documentos

diversos, incentivando a pesquisa em outras fontes como livros e sites, proporcionando o trabalho em grupo e instigando a discussão em sala de aula.

O quarto livro que analisei foi “História: trabalho, cultura e poder na sociedade brasileira – ontem e hoje” com autoria de Adriana Dellagostino, Ediméri Stadler Vasco e Sérgio Aguilar Silva, é o terceiro de três volumes indicados para o ensino médio, do ano de 2005, tem sua divisão em unidades e capítulos com o mesmo tamanho e diferencial do trabalho com temáticas como o livro citado anteriormente. Na unidade I o capítulo 1 vem nos afirmar que a África tenha “dado origem” aos índios brasileiros enquanto que, no capítulo 2, serviu como fornecedora de escravos pela vantagem, em número, de negros escravos obtidos das guerras intertribais e do alto lucro para os cofres portugueses e dos negros como mais uma mercadoria a ser comercializada nas terras da Colônia Portuguesa na América e que serviria de base para a economia açucareira colonial. Já o capítulo 3 além de trazer a África como local de obtenção de cativos para sustentar o tráfico negreiro, traz atenção para as diversas regiões e a diversidade cultural de línguas, crenças e costumes presentes nos reinos africanos, neste momento imagens de diferentes tipos étnicos se faz gravado ao lado do texto, fixando melhor a diversidade étnica dos africanos. A cor da pele ainda contribuiu para o enraizamento cultural do preconceito social, questionamentos que persistiram ao longo dos séculos e que ainda fazem parte de nossa sociedade. Os negros na Colônia Portuguesa resistiram de várias formas contra a escravidão, desde reações organizadas às resistências do dia-a-dia. Ao final do capítulo traz a explicação do porquê do Dia Nacional da Consciência Negra (importante percebermos isto, pois, a maioria dos livros didáticos trazem apenas as informações sem questionar nem explicar como e por que ocorre, para melhor entendimento dos alunos) e indicações específicas de livros e filmes sobre os negros, o escravismo, os abolicionistas, Palmares e de sites sobre o mundo destes.

Na unidade II o capítulo 4 traz a aceitação da Igreja Católica para com a escravidão negra pelo fato de não terem como religião oficial o Cristianismo, a África é tida como um lugar de cumprimento de penas para criminosos da Colônia. E o capítulo 6 nos traz aspectos da cultura africana, suas assimilações e resistências na Colônia

Portuguesa, a mescla cultural que não ocorreu de forma tão harmônica e pacífica quanto alguns possam imaginar, porém, foram culturas que serviram para formar a cultura brasileira. Um sincretismo religioso que nos atinge até hoje em festas, danças, ritos e músicas, entre outros aspectos, enfim, um hibridismo que não sabemos onde começa nem termina. Neste caso, os autores comentam sobre o hibridismo, a mistura que houve em nossa identidade e cultura nacional.

O quinto e último livro que analisei foi “História para o Ensino Médio”, autoria de Cláudio Vicentino e Gianpaolo Dorigo, do ano de 2006, e que permite com que os alunos/leitores saibam que devemos trabalhar com possibilidades e olhar o passado com base em problemas e indagações postas pelo presente, levar em consideração os diferentes pontos de vistas, discursos e interesses dos historiadores e autores de textos e livros. Esse livro didático é dividido em Pré-história, unidades e capítulos. Na primeira parte – Pré-história – a África aparece como localidade onde ocorreu o surgimento dos primeiros homínídeos há mais de 4 milhões e onde encontrou-se vestígios do *homo erectus*. Na unidade I, capítulo 1, a África aparece como localização geográfica e região que possuía rotas e entrepostos comerciais de povos da Antiguidade e, nos capítulos 4 e 5, é citada apenas como localização geográfica. Já na unidade II, o capítulo 7 relaciona escravos aos africanos negros. Na unidade III, o capítulo 11 traz a África como a região de chegada das primeiras viagens portuguesas na expansão marítima e a primeira a ser colonizada, enquanto que o capítulo 13 fala da rota africana com um comércio rentável e a aplicação de mão-de-obra escrava africana nas lavouras de cana-de-açúcar na costa africana e depois na Colônia Portuguesa na América, a África como já tendo a prática da escravidão, o tráfico negreiro como um empreendimento lucrativo, as péssimas condições de viagens a que eram submetidos os negros na saída forçada da África, o escravismo como base da economia colonial, as resistências contra as condições precárias de vida quando aqui chegavam e a data de comemoração do Dia da Consciência Negra. Ao final do capítulo aponta pesquisas sobre os negros e questões para reflexão e indagações sobre o tema e como ele é tratado atualmente, nos dando várias possibilidades para entendermos melhor o porquê desta temática ser tão delicada de se trabalhar.

No capítulo 17 a região africana aparece apenas como fornecedora de mão-de-obra escrava, escravos que eram trocados por produtos como aguardente, tabaco e rapadura, enquanto que no 20, a região passa a ter colônias inglesas, entre outras. Na unidade IV os capítulos 26 e 30 trazem os negros apenas como escravos, acrescido a este último, a abolição da escravatura para a construção do Estado brasileiro, os negros como participantes de revoltas regenciais e a continuidade da exclusão social e política dos mesmos na transição para o Segundo Reinado. No capítulo 31 volta a ser mencionada a mão-de-obra escrava e as leis durante o Segundo Reinado para extinguir o tráfico negreiro. Já o capítulo 32 o imperialismo atinge áreas como a África onde os brancos se viam obrigados a levar a fé aos “infiéis”, uma missão civilizadora para os ditos “selvagens”.

A unidade V traz no capítulo 35 a libertação dos escravos um ano antes da proclamação da República (é como se após isto todos os negros desaparecessem do Brasil), esta traria a igualdade para todos. Contudo, as desigualdades continuaram e permanecem até os dias atuais. Os capítulos 35, 38 e 39 trazem a África como localização geográfica, acrescido ao 39 de que a Era Vargas convocou os negros para participarem da Segunda Guerra. No capítulo 41, as ex-colônias africanas vão ser palco de inúmeras guerras para conseguirem suas independências graças à decadência europeia no pós-guerra e, ainda assim, uma minoria branca africana vai lutar pelo poder político e econômico dentro da própria África. O capítulo 43 vem falar da nova ordem mundial, da desigualdade e exclusão social que ela provoca. As informações contidas nesse livro didático não condizem exatamente com seu ano, parece que foi concluído antes, culminando por omitir alguns temas como as eleições presidenciais do Brasil no ano de 2002.

Algo que pude perceber em comum nos livros didáticos analisados é que os negros simplesmente desaparecem da história, em especial da História Brasileira, após a proclamação da República, predomina uma história política e econômica de nosso país, exceto quando se fala em Semana de Arte Moderna e nos movimentos musicais no período do Regime Militar, esquecem de temas como as influências na música moderna,

nos aspectos religiosos e as desigualdades sociais e preconceitos que atingem nossa sociedade atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao falarmos em África ou em negros lembramos sempre de escravidão. Esta é a imagem que passamos a ter em nossas mentes, especialmente quando chegamos ao Ensino Médio e vivemos uma fase mais complexa de descobertas e entendimentos, é quando começamos a viver etapas de convivência até então desconhecidas, formamos novas opiniões sobre nós mesmos, os outros e a relação que temos com a sociedade na qual estamos inseridos. As imagens, histórias e representações que nos são apresentadas passam a cristalizar-se mais e mais em nossa mente e a influenciar aquilo que achamos ou deixamos de achar em relação a qualquer assunto que nos é posto.

Nós, professores, querendo ou não, somos formadores de opiniões ao apresentarmos a nossos alunos os mais variados temas, reflexões e questionamentos sobre as diversas temáticas que os envolvem na sociedade, já que fazem parte da História, são influenciados por ela ao mesmo tempo que influenciam. Quando estamos no Ensino Fundamental não percebemos a grandeza daquilo que nos é mostrado na mesma intensidade de quando estamos no Ensino Médio, por já termos uma maior vivência de mundo. Devemos refletir, e fazer com que nossos alunos também façam este ato de reflexão, sobre o modo como as histórias e as representações chegam até nós, sobre quem as escreve, quem e como as veiculam e que interesses têm sobre determinada causa.

A partir do sancionamento da Lei 10639 de janeiro de 2003, tornando obrigatório o ensino da História da África e dos africanos nas escolas, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, tivemos a curiosidade de perceber se isto estava ocorrendo na prática, já que a Lei é válida para estabelecimentos públicos e privados, por meio do modo mais acessível para nossos alunos, que é o livro didático e de desenvolver uma melhor maneira de se trabalhar com esses temas em sala de aula. Dentro das perspectivas de análises pudemos perceber o quanto às histórias e representações sobre os negros estão cristalizadas nos livros didáticos, trazendo um diferencial em um livro didático ou outro (e isto é interessante para que possam ocorrer melhoras nas formas de ver e ensinar). Contudo, ainda são

poucos os livros que trazem uma proposta diferente que é colocada em prática no decorrer do livro. Trazem diferenças no corpo do texto, nos textos complementares ou a partir de imagens e gravuras, porém, em alguns poucos capítulos, não o suficiente para abarcar o que propõe a Lei 10639/03.

Na tentativa de desenvolver uma melhor forma de se trabalhar os temas propostos pela Lei 10639/03, e já mencionados anteriormente, em sala de aula por nós que já atuamos nas mesmas e enfrentamos dificuldades em relação a temas como esses, pois, fomos habituados com uma historiografia tradicional que coloca os negros sempre como escravos; reconhecer e trabalhar outras histórias sobre a África e os africanos e a importância que tiveram na formação da sociedade brasileira tal como a reconhecemos hoje ainda é um pouco complexo. Para melhor percebermos fiz a análise de um livro didático intitulado “Uma história do negro no Brasil”, que já diferencia-se no título por trazer uma das diversas histórias contadas sobre os negros, e que nos faz perceber uma boa forma de trabalhar este e qualquer outro tema, mostrar-nos que qualquer história tem sempre, no mínimo, duas versões.

Devemos romper com as cristalizações ocorridas nas histórias e representações sobre os negros, trabalhar com imagens para que os alunos vejam e entendam que eles tinham histórias antes do contato com os europeus, como eram suas vidas na África, como passou a ser seu cotidiano aqui em nosso país quando ainda era colônia portuguesa, como viviam, o quê e como faziam, o quê comiam, o processo de hibridização cultural, o sincretismo religioso, as influências nas danças e músicas, enfim, tudo aquilo que pudesse fazer parte da vida dos negros. Imagens essas de diversos pintores e fotografias de vários anos para que possam presenciar várias possibilidades e perceberem as várias histórias que construíram os negros e os formaram, inserindo-os de inúmeras formas em nossa sociedade.

Além das imagens e de gravuras, podemos trabalhar também usando a literatura de viajantes e moradores da época e aquela que mais tarde viria a ser escrita por descendentes de negros, servindo também de revelação do cotidiano dos negros. Mostrar aos nossos alunos que os negros não acabam ou vão embora com o fim da Monarquia,

pelo contrário, eles passam cada vez mais a ter vez e voz na nossa sociedade em revoltas como em Canudos e no Rio de Janeiro, denunciando a situação social, econômica e política na qual se encontravam. Como houve resistências e militância em busca de melhores condições de vida, com o Movimento Negro em nosso país, que as desigualdades e preconceitos continuam, mas que os negros também tiveram e tem importância na construção da nossa sociedade como qualquer outro povo que aqui habite ou tenha habitado. Enfim, acreditamos que a melhor forma de se trabalhar esse tema em sala de aula é não omitindo as várias histórias sobre os negros, um dos povos que construíram a história da nação brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHARTIER, Roger. *A História Cultural - Entre Práticas e Representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- DONATO, Eronides Câmara. “As narrativas dos livros didáticos de História e a construção de identidades: o papel (in) formativo da leitura”. In: *Revista Educação em Debate*. Edições da Universidade Federal do Ceará/Fortaleza: Ano 24, v.2, nº44, 2002.
- OLIVA, Anderson Ribeiro. “A História da África nos bancos escolares. Representações e imprecisões na literatura didática”. In: *Estudos Afro-Asiáticos*, Ano 25, nº3, 2003, pp. 421-461.
- SOUZA, Antonio Clarindo B. de & SOUSA, Fábio Gutemberg R. B. de. *História da Paraíba: Ensino Médio*. Campina Grande: EDUFCEG, 2007.

Livros Didáticos Analisados:

- ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de & FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006.
- ARRUDA, José Jobson de A. & PILETTI, Nelson. *Toda a História/História Geral e História do Brasil*. São Paulo: Ática, 2002.
- AZEVEDO, Gislane Campos & SERIACOPI, Reinaldo. *História/Série Brasil*. São Paulo: Ática, 2005.
- BARBEIRO, Heródoto, CANTELE, Bruna Renata & SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. *História/De olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione, 2004.
- DELLAGOSTINO, Adriana, VASCO, Ediméri Stadler & SILVA, Sérgio Aguilar. *História: trabalho, cultura e poder na sociedade brasileira – ontem e hoje*, volume 3. Curitiba: Base Editora, 2005.
- MOTA, Myriam Becho & BRAICK, Patrícia Ramos. *História das cavernas ao Terceiro Milênio*. São Paulo: Moderna, 2002.
- PETTA, Nicolina Luiza de & OJEDA, Eduardo Aparício Bacz. *História/Uma abordagem integrada*. São Paulo: Moderna, 1999.
- REZENDE, Antonio Paulo & DIDIER, Maria Thereza. *Rumos da História: História Geral e do Brasil*. São Paulo: Atual, 2001.
- VASCO, Ediméri Stadler & SILVA, Sérgio Aguilar. *História: trabalho, cultura e poder nas sociedades européias, asiáticas e africanas - ontem e hoje*, volume 1. Curitiba: Base Editora, 2005.
- VICENTINO, Cláudio. *História Geral (Ensino Médio)*. São Paulo: Scipione, 2000.
- VICENTINO, Cláudio & DORIGO, Gianpaolo. *História para o Ensino Médio: História Geral e do Brasil (2ª edição)*. São Paulo: Scipione, 2006.